

Transformações demográficas no meio rural da RGINT de Chapecó: implicações para a reprodução social da agricultura familiar

Demographic transformations in the rural area of the Chapecó RGINT: implications for the social reproduction of family farming.

Eliziane Raquel Rauch Ceratti

Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, Paraná (PR), Brasil

Hieda Maria Pagliosa Corona

Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, Paraná (PR), Brasil

GT 05 – Agricultura familiar, ruralidades e relações de gênero no meio rural

Resumo: As transformações demográficas que marcam as ruralidades contemporâneas constituem núcleo central para compreender as dinâmicas sociais e produtivas no meio rural. Nesse contexto, este artigo analisa as mudanças na estrutura etária da população rural na Região Geográfica Intermediária (RGINT) de Chapecó, no período de 2000 a 2022, buscando discutir de que forma as mudanças demográficas ocorridas nessa região impactam a reprodução social da agricultura familiar e as configurações socioeconômicas regionais. Metodologicamente, o estudo baseia-se na análise de dados secundários dos Censos Demográficos de 2000, 2010 e 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir de indicadores da distribuição etária da população residente em áreas rurais, com ênfase nos grupos jovens e idosos. Os resultados demonstram uma redução expressiva da juventude rural, acompanhada pelo crescimento da população idosa e pela elevação do índice de envelhecimento, sinalizando o avanço do processo de envelhecimento no campo. Na RGINT de Chapecó, essas alterações se apresentam de forma particularmente acentuada, refletindo processos mais amplos de urbanização, mobilidade juvenil e reorganização das bases sociais da agricultura familiar. Essa reconfiguração populacional gera desafios para a sucessão geracional na agricultura familiar e para a sustentabilidade das comunidades rurais, indicando a necessidade de repensar os modelos de desenvolvimento regional vigentes e de orientar políticas públicas que considerem as especificidades territoriais.

Palavras-chave: Estrutura etária, juventude, envelhecimento, agricultura familiar, desenvolvimento regional.

Abstract: The analysis of population dynamics must be understood in connection with the transformations that characterize contemporary ruralities. In this context, this article examines changes in the age structure of the rural population in the Intermediate Geographic Region (RGINT) of Chapecó between 2000 and 2022, seeking to discuss how the decline of the young population and the advance of rural aging affect the social reproduction of family farming and regional socioeconomic configurations. Methodologically, the study is based on the analysis of secondary data from the 2000, 2010, and 2022 Demographic Censuses conducted by the Brazilian Institute of Geography and Statistics, using indicators related to the age distribution of the population residing in rural areas, with emphasis on youth and elderly groups. The results show a significant reduction in the rural youth population, accompanied by an increase in the elderly population, indicating the advancement of the aging process in rural areas. In the RGINT Chapecó, these changes occur with particular intensity, reflecting broader processes of urbanization, youth mobility, and the reorganization of the social bases of family farming. This population reconfiguration creates challenges for generational succession in family farming and for the sustainability of rural communities, indicating the need to rethink current regional development models and to guide public policies that consider territorial specificities.

Keywords: Age structure, Youth; Aging, Family farming, Regional development.

1. Introdução

Nas últimas décadas, o Brasil tem vivenciado transformações demográficas significativas, que se manifestam através da urbanização crescente e do aumento da população idosa. Nesse contexto, observa-se um processo de inversão da pirâmide etária, caracterizado pelo crescimento da população idosa e pela redução relativa dos contingentes jovens. Os

resultados do Censo Demográfico de 2022, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística destacam essas tendências e revelam mudanças importantes na composição da população brasileira. No contexto rural, segue a mesma tendência geral, embora assuma características específicas, expressas, sobretudo, na intensificação da redução da população jovem e no aumento da proporção de pessoas idosas.

Em áreas com forte presença da agricultura familiar, como a Região Geográfica Intermediária (RGINT) de Chapecó, esses movimentos incidem diretamente sobre as bases sociais que sustentam a produção rural, tradicionalmente estruturada pela lógica do trabalho familiar e da sucessão entre as gerações.

A diminuição da juventude no campo, juntamente com o envelhecimento dos responsáveis pelas unidades rurais, traz novos desafios para a reprodução social da agricultura familiar. Ao mesmo tempo, suscita questionamentos acerca das implicações dessas transformações para os arranjos produtivos locais e para as dinâmicas socioeconômicas regionais. Nesse cenário, é essencial compreender de que maneira as mudanças na estrutura etária da população rural interferem nas estratégias de permanência no campo, na continuidade das atividades produtivas e sustentabilidade social dos territórios rurais.

No estado de Santa Catarina, onde a agricultura familiar desempenha papel central na organização econômica e territorial, essas transformações interferem na configuração desse contexto. Na RGINT de Chapecó, território historicamente marcado pela predominância desse modelo produtivo, verifica-se o declínio da juventude rural, ao mesmo tempo em que se intensifica o envelhecimento entre os residentes do campo. Essas alterações demográficas tencionam as bases sociais que sustentam a continuidade das atividades rurais e colocam em pauta os desafios para a sucessão geracional e à reprodução social da agricultura familiar.

Embora a literatura tenha avançado na compreensão das transformações demográficas no meio rural brasileiro, ainda são incipientes as análises que articulam a estrutura etária da população rural às condições de reprodução social da agricultura familiar em escalas territoriais específicas. Em particular, permanecem pouco exploradas as implicações desse processo para a sucessão geracional, a continuidade das unidades produtivas familiares e as dinâmicas territoriais. Diante disso, o artigo busca responder a seguinte questão: quais são os efeitos da redução da juventude e da ampliação da população idosa sobre a reprodução social da agricultura familiar e o desenvolvimento regional?

Com base nessa problemática, o objetivo deste artigo é analisar as transformações na estrutura etária da população rural da RGINT de Chapecó, no período de 2000 a 2022,

discutindo como essas mudanças demográficas configuram novas condições para a reprodução social da agricultura familiar e o desenvolvimento regional.

Parte-se da hipótese de que a reconfiguração da estrutura etária rural da RGINT de Chapecó, marcada pela retração da juventude e pelo aumento de idosos, modifica as condições de sucessão geracional e induz rearranjos nas estratégias de reprodução social da agricultura familiar, com implicações diretas para os arranjos produtivos locais.

Para alcançar esse objetivo, o artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução. A segunda apresenta o referencial teórico que sustenta a discussão sobre reprodução social da agricultura familiar, juventude rural e desenvolvimento regional. Na terceira seção, são descritos os procedimentos metodológicos e as bases de dados utilizadas na pesquisa. A quarta seção dedica-se à análise das transformações demográficas observadas no período considerado, com ênfase nas mudanças da estrutura etária da população rural da RGINT de Chapecó, além de discutir as implicações desses resultados para a reprodução social da agricultura familiar e para o desenvolvimento regional. Para concluir, são apresentadas as reflexões finais do trabalho.

2. Ruralidades em construção: a transição demográfica no meio rural

As transformações demográficas observadas no meio rural brasileiro nas últimas décadas, especialmente a redução da população jovem, o avanço do envelhecimento e as diferenciações por gênero, têm implicações diretas para a continuidade da agricultura familiar (Carneiro, 2012). Na RGINT de Chapecó, essas dinâmicas assumem contornos específicos, em razão da forte presença da agricultura familiar integrada às cadeias agroindustriais e da fragmentação fundiária que marca a estrutura agrária da região.

De acordo com Renk (2000; 2014), o processo de modernização agrícola no Oeste Catarinense consolidou uma estrutura produtiva baseada na pequena propriedade familiar, estreitamente vinculada à agroindústria. Embora esse modelo tenha contribuído para a dinamização econômica da região, também provocou reconfigurações nas estratégias familiares, influenciando as condições de permanência das novas gerações no campo. Nesse contexto, a análise das dinâmicas demográficas, torna-se fundamental para compreender os limites e as possibilidades de continuidade dessas unidades produtivas.

A questão da sucessão, diretamente relacionada à estrutura etária da população rural, é discutida por Stropassolas (2006), que destaca que a sucessão na agricultura familiar deixou de ocorrer de forma linear e automática. A redução relativa do número de jovens nas famílias

rurais, somada ao envelhecimento dos responsáveis pelos estabelecimentos, configura um cenário de incerteza quanto à reprodução social das unidades produtivas. Assim, indicadores demográficos como a proporção de jovens, a razão de dependência etária e o envelhecimento rural tornam-se elementos centrais para a análise da sustentabilidade demográfica da agricultura familiar.

No que se refere às diferenciações por gênero, Brumer (2004; 2007) pontua que as trajetórias juvenis no meio rural são marcadas por desigualdades estruturais, especialmente no acesso à terra e na participação nas decisões produtivas. A saída mais intensa de mulheres jovens contribui para processos de masculinização do campo, alterando a composição demográfica e afetando possibilidades de formação de novas unidades familiares rurais. Nesse sentido, a análise da população rural por sexo, permite identificar assimetrias que extrapolam o plano numérico e incidem diretamente sobre as dinâmicas sucessórias.

No âmbito regional, Spanevello (2011; 2019) destaca que a permanência de jovens no meio rural está relacionada às condições de inserção produtiva e à diversificação das atividades econômicas. Entretanto, a redução da base demográfica jovem tende a limitar essas possibilidades, o que compromete a renovação geracional. A articulação entre estrutura etária e estratégias familiares revela que a diminuição da juventude rural não representa apenas um dado estatístico, mas um fator estruturante das transformações em curso no meio rural.

Complementarmente, Dorigon (2010) ressalta que o Oeste Catarinense apresenta elevada densidade de estabelecimentos familiares, muitos deles marcados por restrições fundiárias e produtivas que condicionam as decisões das novas gerações quanto à permanência ou saída do meio rural. Nesse cenário, a dinâmica demográfica, principalmente a redução da população em idade ativa incide diretamente sobre a capacidade de manutenção dessas unidades produtivas.

As contribuições desses autores convergem ao indicar que as transformações demográficas no meio rural da RGINT de Chapecó devem ser analisadas de forma integrada, especialmente quando se busca compreender seus efeitos sobre a reprodução social da agricultura familiar, considerando juventude, gênero e envelhecimento como dimensões inter-relacionadas. A redução da população jovem, associada ao aumento proporcional da população idosa e às diferenciações por sexo, tenciona a reprodução social da agricultura familiar ao comprometer a renovação geracional e a sustentabilidade das unidades produtivas.

Dessa forma, a análise da evolução da estrutura etária e da composição por sexo na RGINT de Chapecó, ao longo dos Censos Demográficos de 2000, 2010 e 2022, permite

compreender como as tendências populacionais se articulam aos desafios estruturais da agricultura familiar regional, evidenciando os limites demográficos à sua continuidade.

As mudanças demográficas rurais, portanto, não devem ser compreendidas apenas como alterações na composição etária da população, mas como processos que incidem diretamente sobre as dinâmicas de desenvolvimento regional. Em regiões marcadas pela predominância da agricultura familiar, como a RGINT de Chapecó, a redução da população jovem e o avanço do envelhecimento rural tendem a afetar a capacidade de inovação produtiva, a diversificação econômica e a renovação das estratégias territoriais (Abramovay, 2003).

A disponibilidade de força de trabalho em idade ativa, a constituição de novas unidades familiares e a continuidade das atividades rurais configuram eixos estruturantes do desenvolvimento regional, especialmente em territórios cuja base econômica permanece fortemente vinculada ao meio rural. Assim, a sustentabilidade demográfica da agricultura familiar revela-se componente estratégico para a manutenção da vitalidade socioeconômica da RGINT de Chapecó.

Diante desse quadro, torna-se essencial analisar empiricamente a evolução da estrutura etária e da composição por sexo da população rural na RGINT de Chapecó, de modo a compreender como essas transformações demográficas se manifestam no território e quais são seus possíveis desdobramentos para a reprodução social da agricultura familiar. Para isso, o presente estudo fundamenta-se em dados censitários e adota procedimentos metodológicos voltados à análise comparativa das transformações demográficas ao longo do período 2000–2022, conforme detalhado na seção seguinte.

3. Procedimentos metodológicos da pesquisa

O presente estudo adota uma abordagem quantitativa, com interpretação qualitativa dos resultados. A dimensão quantitativa fundamenta-se na análise de dados secundários provenientes dos Censos Demográficos de 2000, 2010 e 2022, produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Optou-se por essa combinação pois a articulação entre abordagens quantitativas e qualitativas permite compreender os fenômenos sociais de forma mais abrangente, combinando a análise de indicadores estatísticos com a interpretação de seus significados no contexto social, conforme discutido por Minayo (2006).

A interpretação qualitativa dos resultados permite contextualizar os achados empíricos à luz do referencial teórico sobre ruralidade, juventude rural, envelhecimento populacional, e reprodução social da agricultura familiar. Nesse sentido, a análise dos dados também se

fundamenta nas contribuições da sociologia rural, campo que busca compreender as transformações sociais, demográficas e produtivas que caracterizam os espaços rurais contemporâneos.

Conforme destaca Wanderley (2009), o meio rural deve ser compreendido não apenas como espaço de produção, mas como um espaço social de vida, marcado por relações econômicas, culturais e territoriais específicas. Assim, os dados demográficos são interpretados como expressões dessas transformações sociais que incidem sobre a agricultura familiar e sobre as dinâmicas de permanência ou saída da juventude do meio rural.

O recorte territorial corresponde à Região Geográfica Intermediária (RGINT) de Chapecó, localizada no Oeste de Santa Catarina, região historicamente marcada pela predominância da agricultura familiar e pela forte integração agroindustrial. A escolha da RGINT justifica-se por sua relevância econômica e social no contexto estadual, bem como por sua centralidade nas dinâmicas produtivas e territoriais da agricultura familiar.

Os dados censitários foram acessados por meio do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA), plataforma pública que disponibiliza as tabelas oficiais dos levantamentos estatísticos produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A partir dessa base de dados, foram selecionadas variáveis relacionadas à população total, população rural, distribuição por sexo, juventude (15 a 29 anos) e população com 65 anos ou mais, considerando tanto o conjunto da população quanto o meio rural.

A análise concentrou-se na comparação longitudinal entre os três períodos censitários, o que possibilita identificar tendências demográficas, variações proporcionais e mudanças na estrutura etária da população. Os dados foram sistematizados em tabelas comparativas, permitindo observar: (i) a evolução da população total e da população rural; (ii) a distribuição por sexo no total da população e no meio rural; (iii) a dinâmica da juventude rural; (iv) o crescimento da população idosa no meio rural, e (v) o índice de envelhecimento.

A interpretação dos resultados foi orientada pela perspectiva da reprodução social da agricultura familiar, compreendida como um processo intergeracional que envolve a continuidade das atividades produtivas, a transmissão de patrimônio e saberes, bem como a manutenção de vínculos territoriais. Nesse sentido, os dados demográficos foram analisados não apenas como indicadores estatísticos, mas como expressões de transformações estruturais que incidem sobre as dinâmicas da agricultura familiar e sobre o desenvolvimento regional.

Dessa forma, a seção seguinte apresenta a análise dos dados demográficos da RGINT de Chapecó, buscando evidenciar as principais transformações na estrutura populacional rural e

suas implicações para a juventude rural e para os processos de reprodução social da agricultura familiar no contexto do desenvolvimento regional.

4. Transformações demográficas na RGINT de Chapecó

A dinâmica demográfica constitui um importante indicador das transformações que incidem sobre os territórios rurais e sobre as condições de reprodução social da agricultura familiar. A análise dos dados dos Censos Demográficos de 2000, 2010 e 2022, produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), permite identificar mudanças significativas na estrutura populacional da RGINT de Chapecó, especialmente no que se refere à relação entre população urbana e rural, à composição etária e à presença da juventude no meio rural.

Entre 2000 e 2022, a RGINT de Chapecó experimentou mudanças demográficas profundas, caracterizadas pela redução da população rural, pelo encolhimento da juventude e pelo avanço do envelhecimento. Esses processos, analisados de forma articulada revelam uma reconfiguração da estrutura etária do meio rural e indicam novas tensões para a reprodução. Na sequência, a Tabela 1 apresenta a evolução da população total e da população rural na RGINT de Chapecó ao longo dos três períodos censitários analisados.

Tabela 1 – População total e rural da RGINT de Chapecó (2000–2022)

Ano	População Total	Homens	Mulheres	População Rural	% Rural
2000	969.520	487.262	482.258	382.738	39,5%
2010	1.041.915	520.901	521.014	315.469	30,3%
2022	1.194.259	596.072	598.187	271.479	22,7%

Fonte: IBGE – SIDRA. Tabelas 200, 9952. Elaboração própria.

A comparação dos dados demonstra tendências demográficas relevantes para a compreensão das transformações territoriais em curso na região, principalmente no que diz

respeito à diminuição relativa da população rural e ao avanço do processo de urbanização. Embora a população total da região tenha apresentado crescimento contínuo no período passando de 969.520 habitantes em 2000 para 1.194.259 em 2022, a população residente em áreas rurais apresentou redução expressiva, tanto em termos absolutos quanto relativos. A participação da população rural no conjunto regional caiu de 39,5% em 2000 para 30,3% em 2010, atingindo 22,7% em 2022.

Esse movimento indica transformações significativas na configuração territorial da região, refletindo processos mais amplos de reestruturação econômica e social que têm marcado os espaços rurais brasileiros nas últimas décadas. Para Silva (1997; 1998), a reestruturação produtiva e a modernização técnica contribuíram para redefinir as funções do rural, deslocando parte da população para os centros urbanos.

No contexto da agricultura familiar, tais transformações possuem implicações diretas para os processos de reprodução social das unidades produtivas, uma vez que a redução da população rural pode impactar a disponibilidade de mão de obra familiar e a continuidade das atividades agrícolas entre as gerações. Nesse sentido, como argumenta Veiga (2003), a redução da população rural no Brasil não pode ser interpretada exclusivamente como desaparecimento do rural, mas como parte de um processo de transformação das funções e das dinâmicas que articulam campo e cidade.

No caso da RGINT de Chapecó, historicamente estruturado pela agricultura familiar, a diminuição da ruralidade adquire significado particular, pois incide sobre a base social que sustenta a organização produtiva regional. Ao mesmo tempo, autores como Wanderley (2000; 2003) destacam que o rural contemporâneo deve ser compreendido como espaço social em permanente reconstrução, atravessado por fluxos migratórios, diversificação ocupacional e intensificação das relações urbano-rurais. Nessa perspectiva, a queda percentual da população rural na RGINT de Chapecó não implica necessariamente a perda de relevância da agricultura familiar, mas sinaliza transformações nas formas de inserção territorial e nas estratégias de reprodução das famílias agricultoras.

Nesse sentido, quando a redução da população rural ocorre ao mesmo tempo em que se intensifica o envelhecimento e diminui a presença de jovens, como será discutido nas próximas seções, esse processo deixa de ser apenas uma questão de redistribuição espacial da população entre campo e cidade. Ele passa a revelar mudanças mais profundas na própria estrutura demográfica do meio rural, afetando diretamente as bases que sustentam a agricultura familiar, como a disponibilidade da força de trabalho e a sucessão entre gerações, pois conforme sustenta

Abramovay (2003), a vitalidade da agricultura familiar está diretamente associada à capacidade de renovação geracional e à permanência de ativos humanos no território.

Assim, a retração da população rural na RGINT Chapecó pode ser interpretada como parte de um processo mais amplo de transição demográfica que reconfigura as condições de reprodução social e redefine as dinâmicas do desenvolvimento regional. A queda da população rural observada entre 2000 e 2022 não representa apenas um deslocamento espacial da população, mas constitui o pano de fundo estrutural sobre o qual se desenrolam as transformações etárias que tencionam a continuidade da agricultura familiar. Trata-se de uma mudança que reordena o território, altera a composição social do campo e inaugura novas configurações nas relações entre trabalho, família e produção.

4.1 Encolhimento da juventude rural e implicações para a sucessão geracional

Se a redução da ruralidade constitui o pano de fundo estrutural das transformações demográficas na RGINT Chapecó, a dinâmica da juventude rural revela o núcleo mais sensível desse processo. Entre 2000 e 2022, o contingente de jovens de 15 a 29 anos residentes em áreas rurais apresentou redução expressiva, tanto em termos absolutos quanto proporcionais. O número de jovens rurais passou de 90.557 em 2000 para 70.957 em 2010, atingindo apenas 31.403 em 2022.

Conforme demonstrado na Tabela 2, a participação da juventude na população rural caiu de 23,6% em 2000 para 22,5% em 2010, alcançando 11,6% em 2022. Em pouco mais de duas décadas, a proporção de jovens no meio rural foi praticamente reduzida à metade, indicando uma inflexão demográfica significativa e evidenciando o estreitamento da base geracional da população rural.

Tabela 2 – População jovem total e rural por sexo – RGINT de Chapecó (2000–2022)

Ano	Jovens Totais	Jovens Rurais	Rapazes	Moças	% Jovens Rurais
2000	251.136	90.557	48.157	42.400	23,6%
2010	271.468	70.957	38.515	32.442	22,5%
2022	258.149	31.403	16.919	14.484	11,6%

Fonte: IBGE – SIDRA. Tabelas 200, 9952. Elaboração própria.

A análise da distribuição por sexo revela que tanto rapazes quanto moças experimentaram redução substancial, passando de 48.157 e 42.400, respectivamente, em 2000, para 16.919 e 14.484 em 2022. A diminuição ocorre de forma relativamente equilibrada entre os sexos, sugerindo que o movimento não se restringe à tradicional saída feminina do campo, frequentemente apontada na literatura, mas expressa uma tendência mais ampla de redução da base juvenil rural.

Esse contexto tem implicações diretas para a sucessão geracional e para a continuidade das unidades produtivas familiares. Conforme argumenta Wanderley (2009), a permanência da juventude no campo está associada não apenas a oportunidades econômicas, mas também a reconhecimento social, acesso a políticas públicas e perspectivas de autonomia. A redução acentuada da presença juvenil no meio rural tenciona as estratégias tradicionais de transmissão da propriedade e do trabalho familiar.

De modo semelhante, Abramovay (2003) destaca que a vitalidade da agricultura familiar depende de um processo contínuo de renovação geracional. Quando a base jovem se estreita de forma acelerada, não se trata apenas de um deslocamento etário, mas de uma alteração nas condições sociais que sustentam a reprodução da atividade agrícola e das comunidades rurais.

Entretanto, a interpretação desses dados deve evitar leituras deterministas. A redução da juventude rural não implica necessariamente o desaparecimento da agricultura familiar, mas indica a necessidade de reconfiguração das estratégias familiares. A diminuição do contingente juvenil pode intensificar processos de diversificação de rendas, ampliação da pluriatividade, rearticulação entre espaços urbano e rural e redefinição das formas de sucessão nas unidades rurais.

Nesse sentido, o encolhimento da juventude constitui elemento central do processo de reestruturação demográfica que atravessa a RGINT de Chapecó, pois, quando se observa que, em 2022, a proporção de jovens rurais (11,6%) aproxima-se e posteriormente torna-se inferior à proporção de idosos rurais, evidencia-se um ponto de inflexão geracional que redefine a composição social do campo e aprofunda as transformações nas dinâmicas territoriais.

Dessa maneira, a redução da presença juvenil no meio rural adquire significado ainda mais expressivo quando analisada em conjunto com o crescimento da população idosa. Enquanto a proporção de jovens rurais apresentou forte retração ao longo do período analisado, a participação de pessoas com 65 anos ou mais tem aumentado progressivamente. Esse movimento indica uma recomposição da estrutura etária do campo, na qual a base jovem se estreita ao mesmo tempo em que se amplia o contingente de idosos.

Tal dinâmica sinaliza uma mudança geracional relevante, pois a aproximação e eventual inversão entre os contingentes de jovens e idosos redefine as bases demográficas da agricultura familiar. Nesse cenário, o envelhecimento da população rural passa a constituir como um elemento importante para a compreensão das transformações nas estratégias de reprodução social das famílias agricultoras e nas dinâmicas do desenvolvimento regional, tema abordado na seção seguinte.

4.2 Avanço do envelhecimento rural e reestruturação das bases demográficas

Se a juventude rural encolhe de maneira acentuada, o envelhecimento avança com intensidade ainda mais significativa na RGINT de Chapecó. Entre 2000 e 2022, o contingente de pessoas com 65 anos ou mais residentes em áreas rurais passou de 23.839 para 42.667 indivíduos, praticamente duplicando no período.

Em termos proporcionais, a participação dos idosos na população rural saltou de 6,2% em 2000 para 9,2% em 2010, atingindo 15,7% em 2022. Conforme evidenciado na Tabela 3, o crescimento do segmento idoso rural ocorre de forma consistente ao longo das três décadas analisadas, indicando a consolidação de um processo de envelhecimento estrutural no território.

Tabela 3 – População com 65 anos ou mais total e rural por sexo – RGINT de Chapecó (2000–2022)

Ano	65+ Total	65+ Rural	Homens	Mulheres	% 65+ Rural
2000	54.832	23.839	11.406	12.433	6,2%
2010	82.555	29.117	14.130	14.987	9,2%
2022	139.452	42.667	21.674	20.993	15,7%

Fonte: IBGE – SIDRA. Tabelas 200, 9952. Elaboração própria.

A distribuição por sexo demonstra relativa aproximação entre homens e mulheres no meio rural, com crescimento expressivo em ambos os grupos ao longo do período analisado. Esse resultado indica que o processo de envelhecimento ocorre de forma relativamente equilibrada entre os sexos, evidenciando tratar-se de uma tendência estrutural da dinâmica demográfica regional, e não de um fenômeno circunscrito a um grupo específico da população.

Entretanto, o aspecto mais significativo emerge quando se observa a relação entre juventude e envelhecimento na composição etária do meio rural. Ao longo das últimas décadas, observa-se um processo simultâneo de redução da jovens e expansão da população idosa, configurando uma transformação relevante na estrutura demográfica do campo. A Tabela 4 apresenta a evolução comparativa da participação relativa desses dois grupos etários na população rural da RGINTE de Chapecó.

Tabela 4 – Proporção de jovens e idosos na população rural – RGINTE de Chapecó (2000–2022)

Ano	Jovens rurais (15–29 anos)	Idosos rurais (65+)	Diferença geracional*
2000	23,6%	6,2%	+17,4
2010	19,4%	9,2%	+10,2
2022	11,6%	15,7%	–4,1

Fonte: IBGE – Censos Demográficos 2000, 2010 e 2022. Elaboração própria.

*Diferença entre a proporção de jovens e idosos na população rural.

O resultado apresenta uma inversão geracional na estrutura etária do meio rural regional: enquanto em 2000 a proporção de jovens superava amplamente a de idosos, em 2022 essa relação se inverte, indicando que a presença relativa da população idosa passa a superar a juventude rural. Essa inversão geracional aponta para a consolidação de um processo de envelhecimento rural associado ao estreitamento das bases demográficas da juventude.

Do ponto de vista da reprodução social da agricultura familiar, essa transformação assume centralidade analítica. Segundo Abramovay (1998), a dinâmica familiar da produção agrícola depende da articulação intergeracional do trabalho e da transmissão de conhecimentos, ativos e responsabilidades entre as gerações. Quando a base jovem se estreita e o contingente idoso se amplia, os mecanismos tradicionais de sucessão e continuidade das unidades rurais tendem a enfrentar novas tensões e desafios.

Todavia, o avanço do envelhecimento não deve ser interpretado exclusivamente como sinal de fragilidade ou declínio da agricultura familiar. Para Wanderley (2014), as famílias rurais demonstram elevada capacidade de adaptação frente às transformações estruturais do meio rural, desenvolvendo estratégias que incluem a reorganização do trabalho familiar, a diversificação das fontes de renda, o fortalecimento de redes de cooperação e a articulação com atividades não agrícolas. Nesse contexto, o envelhecimento pode coexistir com processos de

reestruturação produtiva e territorial, revelando a capacidade de resiliência das unidades familiares.

Ainda assim, a intensidade das mudanças demográficas pode ser melhor compreendida a partir da evolução do índice de envelhecimento da população rural. Enquanto a Tabela 4 mostra a transformação da composição etária da população rural, a evolução do índice de envelhecimento permite mensurar a intensidade desse processo ao longo do período analisado, conforme apresentado na Tabela 5.

Tabela 5 – Índice de envelhecimento da população rural da RGINT de Chapecó (2000–2022)

Ano	População 0–14	População 65+	Índice de envelhecimento
2000	113.209	23.831	21,1
2010	69.477	29.121	41,9
2022	48.071	42.667	88,8

Fonte: IBGE – Censos Demográficos. Tabelas 200, 9952,9955
Elaboração própria.

A análise conjunta desses indicadores demonstra uma profunda reconfiguração da estrutura etária da população rural da RGINT Chapecó. Entre 2000 e 2022, o contingente de jovens de 0 a 14 anos reduziu-se de 113.209 para 48.071, o que representa uma queda superior a 57%. Em sentido oposto, a população com 65 anos ou mais passou de 23.831 para 42.667, registrando um crescimento de aproximadamente 79% no mesmo período.

Como resultado dessa dinâmica, o índice de envelhecimento, em pouco mais de duas décadas quadruplicou, passando de 21,1 para 88,8, indicando que a população rural caminha rapidamente para uma estrutura etária cada vez mais envelhecida. Enquanto no início do período analisado havia pouco mais de vinte idosos para cada cem jovens, em 2022 essa relação aproxima-se de um equilíbrio entre as duas faixas etárias. Esse movimento sintetiza as transformações demográficas observadas no território e revela a intensidade do processo de envelhecimento que atravessa o meio rural regional.

Esse cenário não constitui um fenômeno isolado, mas insere-se em tendências mais amplas de transição demográfica observadas no meio rural brasileiro. Conforme destaca Camarano (2014), o envelhecimento populacional resulta da combinação entre redução da

fecundidade, aumento da longevidade e mudanças nos padrões migratórios, fatores que alteram profundamente a composição etária das populações. Nos espaços rurais, esse processo tende a ser ainda mais evidente em razão da migração seletiva de jovens para centros urbanos e da permanência relativa de populações mais envelhecidas no campo.

Do ponto de vista da agricultura familiar, tais transformações assumem relevância particular. A redução da base juvenil, associada à ampliação do contingente idoso, tende a tencionar os mecanismos tradicionais de sucessão geracional e de transmissão do patrimônio produtivo. Como observa Abramovay (2003), a vitalidade da agricultura familiar depende, em grande medida, da capacidade de renovação das gerações que asseguram a continuidade das atividades produtivas e a reprodução das unidades familiares.

Nesse contexto, a coexistência entre a redução da juventude e o avanço do envelhecimento sinaliza a consolidação de uma transição demográfica rural que reconfigura as bases sociais da agricultura familiar. Ao mesmo tempo em que tenciona os mecanismos tradicionais de sucessão geracional, esse processo impulsiona novas formas de organização produtiva e novas estratégias de reprodução social das famílias agricultoras.

Em síntese, as transformações observadas na RGINT de Chapecó revelam um movimento mais amplo de reestruturação das bases demográficas do território. A diminuição da presença juvenil, associada ao crescimento da população idosa, indica que o meio rural atravessa uma fase de reorganização social e geracional cujas implicações ultrapassam a dimensão demográfica. Trata-se de um processo que incide diretamente sobre as dinâmicas de desenvolvimento regional e sobre a sustentabilidade social da agricultura familiar no longo prazo.

4.4 Reprodução social da agricultura familiar e implicações para o desenvolvimento regional

A análise demográfica da RGINT de Chapecó revela que as mudanças observadas não se limitam a uma reconfiguração estatística da população, mas sim, expressam alterações estruturais que incidem diretamente sobre as condições de reprodução social da agricultura familiar. A redução contínua da população rural, associada à diminuição expressiva da juventude no campo e ao avanço do envelhecimento, expõe tensões no sistema de sucessão geracional e na continuidade das unidades produtivas familiares.

A reprodução social da agricultura familiar, conforme discutem autores como Silva (1997;1998), Schneider (2003; 2004) e Abramovay (2007), não se restringe à dimensão

econômica da produção, mas envolve a transmissão intergeracional de saberes, patrimônio, identidade, valores culturais e pertencimento territorial que sustentam a permanência das famílias no campo ao longo do tempo. Quando a juventude rural diminui, especialmente em regiões historicamente estruturadas pela agricultura familiar, observa-se uma fragilização dos mecanismos que garantem a continuidade social e produtiva dessas unidades (Weisheimer, 2019; Spanevello et al., 2020; Matte; Machado, 2016).

Os dados apresentados nas seções anteriores mostram que, entre 2000 e 2022, ocorreu uma redução significativa dos jovens rurais (15–29 anos), com queda proporcional ainda mais acentuada entre as moças. Essa tendência dialoga com a literatura que aponta para processos seletivos de migração juvenil, nos quais mulheres jovens tendem a buscar oportunidades educacionais e profissionais em centros urbanos, processo já identificado por Camarano e Abramovay (1998) e reafirmado por estudos recentes como de Spanevello et al. (2020) e de Weisheimer (2019). Essa reconfiguração altera progressivamente a composição demográfica do meio rural e produz impactos relevantes nas relações familiares, na divisão do trabalho e nas perspectivas de sucessão nas unidades rurais.

Simultaneamente, o crescimento da população rural com 65 anos ou mais indica um processo de envelhecimento acelerado. Esse fenômeno produz efeitos ambivalentes: de um lado, revela a permanência e resistência de agricultores idosos na condução das propriedades familiares; de outro, sinaliza possíveis dificuldades relacionadas à renovação da força de trabalho e na inovação produtiva. Em contextos onde a sucessão familiar não se concretiza, podem emergir processos de descontinuidade produtiva, arrendamento ou mudança de uso da terra.

No plano do desenvolvimento regional, tais dinâmicas colocam desafios importantes. Regiões como a RGINT de Chapecó, cuja trajetória histórica está fortemente associada à agricultura familiar, dependem da vitalidade social e demográfica do meio rural para sustentar cadeias produtivas, mercados locais e dinâmicas socioeconômicas territoriais. Nesse sentido, a redução da juventude rural compromete não apenas a reprodução das unidades familiares, mas também a base social que sustenta o desenvolvimento regional.

Assim, os dados censitários analisados reforçam a necessidade de políticas públicas capazes de articular juventude rural, sucessão familiar, acesso à terra, crédito, educação e diversificação produtiva. A reprodução social da agricultura familiar, portanto, é compreendida como questão estratégica para o desenvolvimento regional, especialmente em territórios onde o envelhecimento populacional e a retração demográfica rural se intensificam.

5. Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo analisar as transformações demográficas da população rural jovem na RGINTE de Chapecó, em Santa Catarina, a partir dos dados dos Censos Demográficos de 2000, 2010 e 2022, buscando compreender suas implicações para a reprodução social da agricultura familiar e para as dinâmicas de desenvolvimento regional. A análise possibilitou observar que o território vem experimentando profundas mudanças demográficas, caracterizadas pela redução da população rural, pela diminuição significativa da juventude no campo e pelo avanço do envelhecimento da população residente nas áreas rurais.

Os resultados indicam que, ao longo das últimas duas décadas, ocorreu uma retração consistente da população jovem rural, acompanhada pelo crescimento contínuo da população idosa. Esse movimento resultou em uma alteração relevante na estrutura etária do meio rural da região, culminando, em 2022, na superação relativa da proporção de jovens pela população com 65 anos ou mais. Tal inversão geracional reitera a intensidade das transformações demográficas em curso e revela o estreitamento progressivo da base juvenil das comunidades rurais.

Nesse contexto, a evolução do índice de envelhecimento da população rural que passou de 21,1 idosos para cada 100 jovens em 2000 para 88,8 em 2022 sintetiza de forma expressiva a magnitude das transformações demográficas em curso na região. Mais do que um indicador estatístico, esse movimento revela o estreitamento progressivo das bases geracionais que historicamente sustentaram a reprodução social da agricultura familiar, colocando novos desafios para a renovação do trabalho rural e para a continuidade das dinâmicas de desenvolvimento regional no meio rural.

Essas mudanças assumem particular relevância quando analisadas à luz da reprodução social da agricultura familiar. A continuidade desse modelo produtivo está historicamente associada à articulação intergeracional do trabalho familiar e à transmissão de conhecimentos, responsabilidades e patrimônio produtivo entre as gerações. Nesse viés, a redução da população jovem e aumento da população idosa indicam tensões crescentes nos processos de sucessão geracional e na renovação da força de trabalho nas unidades produtivas familiares.

Ao mesmo tempo, compreende-se que o envelhecimento rural não deve ser interpretado exclusivamente como sinal de declínio ou esvaziamento das áreas rurais. A permanência de agricultores idosos também demonstra a capacidade de adaptação e resiliência das famílias rurais frente às transformações econômicas, sociais e demográficas que perpassam as ruralidades contemporâneas. Ainda assim, a continuidade dessas tendências no longo prazo coloca desafios importantes para a sustentabilidade social e produtiva da agricultura familiar.

Do ponto de vista do desenvolvimento regional, as transformações demográficas observadas na RGINT de Chapecó possuem implicações de diversas formas. Em regiões cuja trajetória histórica está profundamente associada à agricultura familiar, a vitalidade social do meio rural constitui elemento fundamental para a manutenção de cadeias produtivas, mercados locais e dinâmicas socioeconômicas territoriais. Dessa forma, a redução da juventude rural e o envelhecimento da população do campo podem impactar também as bases sociais que sustentam processos de desenvolvimento regional de caráter endógeno.

Diante desse cenário, os resultados do estudo reforçam que políticas públicas voltadas à juventude rural e à sucessão na agricultura familiar são fundamentais, tais iniciativas precisam estar articuladas a projetos mais amplos de desenvolvimento regional. A permanência da juventude no campo não depende exclusivamente de instrumentos setoriais de apoio à produção agrícola, mas da existência de condições socioterritoriais que tornem o meio rural um espaço viável para a construção de projetos de vida, e isso envolve a ampliação de oportunidades de trabalho e renda, o acesso a serviços públicos, infraestrutura, educação e inovação, bem como o fortalecimento das dinâmicas econômicas e sociais do território. Dessa forma, pensar a renovação geracional na agricultura familiar implica também reconhecer a necessidade de estratégias de desenvolvimento regional capazes de responder às especificidades e demandas dos territórios rurais, tendo em vista a heterogeneidade do mundo rural.

Por fim, destaca-se que a análise apresentada contribui para o debate sobre as transformações contemporâneas do meio rural brasileiro, evidenciando como dinâmicas demográficas, sociais e produtivas se articulam na conformação das ruralidades atuais. Embora os dados censitários não permitam captar diretamente os fluxos de mobilidade da juventude rural, a redução observada pode estar associada não apenas ao êxodo definitivo, mas também a processos mais complexos de circulação e reconfiguração das territorialidades juvenis entre campo e cidade. Nesse sentido, estudos futuros podem aprofundar essa discussão por meio de abordagens qualitativas que permitam compreender com maior detalhe os projetos de vida da juventude rural e as estratégias familiares mobilizadas frente aos desafios da sucessão geracional na agricultura familiar.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial**. Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA), Brasília, v. 28, n. 1, p. 35–50, 1998.

ABRAMOVAY, Ricardo. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

BRUMER, Anita. **Gênero e agricultura familiar: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 35-52.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos**. Revista Brasileira de Estudos de População, Brasília, v. 15, n. 2, p. 45-65, jul./dez. 1998.

CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?** Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2014.

CARNEIRO, Maria José. Do rural como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: **Ruralidades Contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012. p. 23-50.

DORIGON, Clóvis. **Mercados de produtos coloniais da região Oeste de Santa Catarina**. Chapecó: Argos, 2010.

MATTE, Alessandra; MACHADO, João Armando Dessimon. **Tomada de decisão e a sucessão na agricultura familiar no sul do Brasil**. Revista de Estudos Sociais, v. 18, n. 37, p. 130-151, 2016.

MATTE, Alessandra; VILLWOCK, Ana Paula Schervinski; FORNAZIER, Armando; WAGNER, Danielle; FOSSÁ, Juliano Luiz. **Agricultura familiar e desenvolvimento rural: cenários contemporâneos e questões em debate**. Revista Grifos, Chapecó, v. 31, n. 57, p. 1-9, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico no Oeste Catarinense**. Chapecó: Argos, 2000.

RENK, Arlene. **Agricultura familiar e desenvolvimento regional no Oeste de Santa Catarina**. Revista Grifos, Chapecó, v. 23, n. 36, p. 45-62, 2014.

SCHNEIDER, Sérgio. **A pluriatividade na agricultura familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SCHNEIDER, Sérgio. **Agricultura familiar e desenvolvimento rural endógeno**. Revista de Economia Política, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 56–74, 2004.

SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA (SIDRA), 2025. Disponível em <www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 mar. 2025.

_____. Tabela 200 - População residente, por sexo, situação e grupos de idade - Amostra - Características Gerais da População. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/200>. Acesso em: 10 mar. 2026.

_____. Tabela 1378 - População residente, por situação do domicílio, sexo e idade, segundo a condição no domicílio e compartilhamento da responsabilidade pelo domicílio. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1378>. Acesso em: 12 mar. 2026.

_____. Tabela 9952 - População, total e indígena, de 15 anos ou mais de idade, por alfabetização, sexo, grupos de idade, localização e situação do domicílio. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/9952>. Acesso em: 05 mar. 2026.

_____. Tabela 9955 - Índice de envelhecimento, idade mediana e razão de sexo, total e indígenas, por localização e situação do domicílio. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/9955>. Acesso em: 11 mar. 2026.

SILVA, José Graziano da. **O novo rural brasileiro**. Nova Economia, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 43–81, 1997.

SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. 2. ed. Campinas: UNICAMP/IE, 1998.

SPANEVELLO, Rosani Maria. **A sucessão na agricultura familiar: desafios e perspectivas para o Oeste de Santa Catarina**. Revista NERA, Presidente Prudente, v. 14, n. 18, p. 111-130, 2011.

SPANEVELLO, Rosani Maria; LAGO, Adriano; DORIGON, Clóvis. **Juventude rural e permanência no campo: desafios à sucessão na agricultura familiar**. Revista Grifos, Chapecó, v. 28, n. 45, p. 89-108, 2019.

SPANEVELLO, Rosani Marisa; MOREIRA, S. da L.; BOSCARDIN, Mariele; LAGO, Adriano. **Estratégias paternas para a manutenção da sucessão geracional em propriedades rurais**. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 413–433, 2020.

STROPASSOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens: o caso dos filhos (as) de agricultores familiares do Oeste Catarinense**. Florianópolis: UFSC, 2006.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo**. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, n. 15, p. 87–145, 2000.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidades.** Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, n. 21, p. 42–61, 2003.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidades. In: DELGADO, Guilherme Costa; BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira (orgs.). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2014.

WEISHEIMER, Nilson. **Situação juvenil e projetos profissionais de jovens agricultores familiares no Recôncavo da Bahia.** Estudos Sociedade e Agricultura, v. 27, n. 1, p. 67-94, fev. 2019.